

O EFEITO TRIFFIN SOBRE AS BOLSAS

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

O que está acontecendo com as bolsas?! Esta é uma questão que todos desejariam ver elucidada.

Todas as pessoas estão condicionadas por um senso de percepção espacial. Um **filling** de sintonia grossa. Poucas pessoas utilizam numa visualização holística, integrando à sua noção de percepção espacial, o fenômeno temporal, aprimorando assim, sua sintonia fina.

Assim é que o diagnóstico feito com relação as bolsas, até agora tem sido equivocado. Ou por falta de perspicácia ou por rotunda má fé, que afasta através da distância, para longe do cenário onde pode ser detectada sua consciente, premeditada e errada opção estratégica, transferindo para longe sua responsabilidade.

O fato é, que a crise não está lá, ela em realidade é ubíqua (holística) e está em todos os lugares ao mesmo tempo. **Hic et nunc** (aqui e agora) **on line everywhere worldwide all time** como um vírus de **software**.

A crise que vivemos é uma crise com referência ao núcleo conceitual de crédito, aquele comércio jurídico que não se liquida instantaneamente mas ao longo do tempo, seja à condições e/ou a termo. Este crédito em crise atinge as duas áreas do universo do tráfico dos negócios, à pública e a privada. A pública com relação a moeda e aos seus títulos da dívida e a privada com relação a todos os seus títulos de crédito e operações a futuro.

Atualmente o que se constata é que houve, como se fôsse, um descolamento da atividade financeira da atividade da economia real. Os ativos financeiros inflacionados, não correspondem e ultrapassam em trilhões de dólares o valor que deveriam manter, numa relação de direta proporcionalidade interativa, com os valores correlatos da economia real ou física.

Robert Triffin, um economista belga, que em 1960 publicou um livro intitulado **Gold and the dollar crisis**, foi o primeiro a detectar e a diagnosticar o problema inflacionário com referência a circulação internacional do dólar. Para êle, o sistema de Bretton Woods continha uma falha inerente e potencialmente fatal, seja, sua dependência em relação ao dólar. Ele argumentou que, uma vez que o volume de comércio aumentava com o tempo, qualquer sistema de taxas fixas de câmbio necessitaria de um aumento das reservas utilizáveis; em outras palavras, um aumento do dinheiro internacionalmente aceito, com a finalidade de financiar o comércio e investimentos crescentes. A produção futura de ouro, a um preço fixo, não conseguiria suprir as necessidades existentes, de modo que a fonte de liquidez internacional necessária para lubrificar o crescimento, dentro do sistema de Bretton Woods, teria de ser o dólar. O único caminho para colocar esses dólares nas mãos do restante do mundo era o déficit na balança de pagamentos norte-americana. Assim é, "que os criadores de Bretton Woods haviam feito, inadvertidamente, fora improvisar um sistema monetário mundial dependente dos déficits norte-americanos, os mesmos que todos consideravam desestabilizantes, na década de sessenta. Se os déficits dos Estados Unidos continuassem, a confiança no dólar - e posteriormente, no sistema - seria minada, e o resultado seria instabilidade. Porém, se os déficits fossem eliminados, o restante do mundo ficaria privado dos dólares que necessitava para construir suas reservas e financiar o crescimento econômico. Para outros países, a questão tornou-se, depois, definitiva: deter mais dólares em suas reservas, ou trocá-los por mais ouro norte-americano. Este último caminho, provavelmente mais cedo do que tarde, forçaria os Estados Unidos a pararem de vender ouro, um dos alicerces do sistema. O caminho anterior, deter uma quantidade crescente de dólares, minaria inexoravelmente a confiança, uma vez que as demandas potenciais em relação aos estoques americanos de ouro excediam em muito a quantia disponível para supri-las. Ambos os caminhos continham as sementes de sua própria desgraça na análise que ficou conhecida como o Dilema de Triffin no qual era difícil escapar de sua lógica implacável." (A Nova Ordem Econômica - Paul Volcker- fl.56)

Esta é a anatomia da real crise mundial, a existência de uma bolha inflacionária não só de moeda e títulos públicos, que não dizem respeito somente ao dólar e ao FED com o correspondente déficit americano, mas também aos déficits agregados dos demais países que fazem parte deste sistema kafkaniano, somado ainda a este problema público, a adição de todos os débitos privados representados pelos títulos e operações a termo. Esta é a causa da sinergia incontrolável do sistema que deflui do fulcro de sua instabilidade inerente.

Dois economistas de renome mundial atestam a atual situação, François Chesnais, em seu livro A Mundialização do Capital, estimando que a bolha inflacionária deve orçar mais ou menos 10 trilhões de dólares e, o polêmico, Lyndon LaRouche, que a estima em alguma coisa como a quantia de 40 trilhões de dólares.

A exaustão e a situação limite explosiva dos vários déficits públicos a eclodirem no mundo, geram analogamente, como se fosse uma liberação de ozônio na atmosfera econômica do planeta, em que o débito inflacionário público e privado congelado como se fosse uma calota polar, sob o efeito estufa da sinergia do **hot money**, instabilizando os estados, faz com o bloco da calota financeira derreta-se inundando com sua liquidez inflacionária o sistema, tornando-o instável. É como se fosse aquela brincadeira antiga de nossos avós, em que uma pessoa dançava com uma vassoura e alguns casais estavam sempre em pares, sendo que outros em cadeiras. Quando o gaiteiro tocasse e desse o sinal, os pares, os sentados nas cadeiras e aquele que estivesse com a vassoura, trocavam de par e de cadeiras, sobrando sempre, um desavisado e lerdo, para dançar com a vassoura. O exemplo, traduzido para a leitura da realidade econômico-financeira, é de que existem pouquíssimas cadeiras, os assentos da economia real, para uma desproporção de muitas vassouras vagas, como quocientes referenciais, nesta equação pictórica, da economia financeira fictícia, sendo que a bolha se desinflaciona, gradativamente, na medida em que houverem parvos, não suficientemente ágeis, que paguem para entrar no baile da economia financeira, para dançar com uma vassoura que limpa seus bolsos e investimentos.

- Sérgio Borja, 48 anos

- Professor de Ciência Política, Teoria Geral do Estado e Direito Constitucional
- Professor de Instituições de Direito Privado e Comercial
- tel/fax residencial: (051) 2 23 26 10
- e-mail: borja@pro.via-rs.com.br

Publicado na Gazeta Mercantil de 16.06.1998.